



Ambivalências

Revista do Grupo de Estudos e Pesquisa Processos Identitários e Poder - UFS

APRESENTAÇÃO

DOSSIÊ: PAISAGENS EM TRANSIÇÃO

Beto Vianna

Eder Cláudio Malta Souza

Leonardo Leal Esteves

Ugo Maia Andrade¹

 10.21665/2318-3888.v11n22p05-08

Paisagens emergem dos múltiplos engajamentos de seres diversos, engajamentos que são rastros, passagens, percursos e circulações que convergem, se chocam, se implicam mutuamente formando um emaranhado que constitui o corpo da própria paisagem. Ao fazermos paisagens por meio das técnicas e da produção ordinária de artefatos que nos colocam em sentido com o ambiente, somos feitos por elas. Paisagens não são cenários, nem a projeção de nossas ideias: são processos, em constante transição, de nossos movimentos e do movimento de outros, humanos e não humanos nem naturais, nem culturais, paisagens são atividades – cruzadas e entre cruzadas – ao longo do tempo: memórias de engajamentos e do habitar o mundo (INGOLD, 1993, 2011). Entender e participar desses processos transitivos das gentes e de outros coletivos sempre foi tarefa da antropologia.

Neste momento de transição na política brasileira, de urgência na construção de epistemologias e ontologias antirracistas, decolonialistas e feministas, de valorização de nossas parcerias mais-que-humanas, de debates em torno da voracidade capitalista, das mudanças climáticas e da necessidade e da diversificação de vozes e saberes dentro da própria universidade, propomos, nesta Revista Ambivalências, o **Dossiê Paisagens em transição**.

¹ Professores do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal de Sergipe (PPGA/UFS).

Paisagens transitam na experiência da investigadora ou do investigador, assim como experimentamos outras paisagens ao mudar o modo de investigar. Em **“Imagens multissituadas, performance e o digital: pesquisas contemporâneas em arte e antropologia”**, Marina Cavalcante Vieira e Cristina Barretto de Menezes Lopes propõem reflexões teórico-metodológicas a respeito da multilocalidade, do digital e da performance nas pesquisas antropológicas contemporâneas. Partindo dos debates em torno virada epistemológica e do surgimento de novos paradigmas científicos após os anos 1960, as autoras buscam refletir sobre a implosão das antigas fronteiras do que costumávamos chamar de “campo” e das perspectivas de investigação multissituadas.

Paisagens que nos pareciam familiares – como a luta dos povos originários pela terra – ganham trânsitos novos, desestabilizando suas fronteiras tradicionais. Em **“Gênero e construção da narrativa coletiva: a retomada da retomada pelas mulheres Xokó”**, Ana Carolina Marinho, desvela o protagonismo social feminino na Terra Indígena Caiçara/Ilha de São Pedro, município de Porto da Folha/SE. As mulheres Xokó se fazem presentes por meio de suas memórias de construção da existência coletiva, especialmente no que diz respeito à “luta pela terra” das décadas de 1970 e 1980, protagonismo que tem escapado tanto às narrativas locais, quanto aos estudos históricos e antropológicos produzidos sobre os Xokó.

Há um trânsito permanente entre paisagens humanas e não humanas. Plantas não apenas são bons objetos de reflexão, mas participam ativamente dos nossos modos de viver e entender o mundo. No artigo **“Jurema e transiência ontológica: das matas às cidades, do Brasil a Portugal”**, Aparecida Santana de Jesus e Rui Sá analisam a relação complexa entre seres humanos e a planta jurema em diferentes contextos rituais e culturais. Por meio de uma abordagem antropológica, explora como as plantas, especialmente as consideradas “plantas de poder”, influenciam as esferas físicas, emocionais, mentais e simbólicas das práticas rituais. A pesquisa destaca a importância histórica das plantas na vida humana e busca compreender as transições ontológicas da jurema, incluindo sua influência em paisagens culturais e espirituais no Brasil e em Portugal. O estudo, utilizando uma abordagem etnográfica, procura preencher lacunas científicas ao explorar essa relação entre humanos e plantas em diferentes contextos socioculturais.

Paisagens comuns são sempre possíveis, se há vontade política e cosmopolítica. Em **“Domínio linguístico e sistemas sociais multiespécies”**, Beto Vianna questiona a exclusividade humana na linguagem e o privilégio do código linguístico nos estudos dos processos interacionais, humanos ou não. A partir do caminho explicativo da escola chilena conhecida como *Biologia do Conhecer*, o autor propõe examinar o estabelecimento de domínios linguísticos enquanto coordenações de ações: uma deriva histórica (coevolutiva e coontogênica) em que se criam e se conservam sistemas sociais multiespécies, envolvendo as relações entre humanos e outros organismos.

As paisagens linguísticas ganham trânsitos inusitados também no artigo de Vincenzo Raimondi: **“O papel do linguajar na evolução humana: uma abordagem baseada na teoria da deriva natural”**. Elaborando sobre um tema mais próximo de uma antropologia física – em contraste com os demais artigos que compõe este dossiê –, Raimondi serve-se também da *Biologia do Conhecer* de Maturana e Varela (2003) para defender uma relação mutuamente perturbadora entre a emergência do humano e a emergência da linguagem, ou, como prefere o autor, do *linguajar*, chamando atenção para o caráter irreduzivelmente processual, dinâmico, situado e social do fenômeno. A partir da teoria autopoiética da deriva natural, o autor examina a relação íntima ente linguajar e socialidade, e o seu papel na emergência de uma fisiologia, de uma cognição e de um modo de vida centrados na coordenação consensual e recursiva de ações, que atravessa o viver e o experienciar humanos, inclusive em suas relações com o entorno.

Devemos aceitar paisagens autoritárias em nome do livre-trânsito científico? No artigo **“Experimentação animal no Brasil: nosso controle social é suficiente?”**, Alexandre Meloni analisa, comparativamente, duas iniciativas legais de regulamentação de uso de animais em experimentos biomédicos, uma lei estadual e outra lei federal, trazendo à luz o debate ético como contraponto à gestão biopolítica da vida das cobaias e das pessoas beneficiadas pelas pesquisas mediadas por tais cobaias como o ponto forte dessas leis, demonstrando que na interface da política com a ciência e a sociedade o que sobressai é a continuidade da garantia do poder e direito humanos de impactar a vida de outras espécies em nome do bem estar da nossa própria.

Certas mudanças paisagísticas nos são impostas – ou vendidas – como se fizessem parte da ordem natural das coisas. No artigo **“Territórios da festa: o carnaval e o projeto Novo Recife”**, Leonardo Leal Esteves analisa as consequências da implantação de um megaprojeto urbanístico, imobiliário e turístico que está sendo executado na área central da cidade do Recife. A partir da categoria “território”, o autor busca lançar luz sobre as repercussões das mudanças na paisagem urbana e na dinâmica da cidade provocadas pela implantação desse megaprojeto no Carnaval do Recife.

Cada vez com mais frequência, uma mudança na paisagem coloca em risco a existência dos seres que a compõe. É a paisagem – e a própria terra – em transe. Em **“Abrindo a caixa-preta do desastre da Braskem: as vozes dissonantes em Maceió”**, Roberto Lima, Juliane Lima e Carlos Lopes entrevistam Camila Prates sobre a catástrofe protagonizada pela empresa Braskem. Entrevistada e entrevistadores discutem o desastre ambiental e social em Maceió, resultado do afundamento do solo devido à exploração de minas de sal-gema, causando danos estruturais em bairros inteiros da cidade. A carência de informações, a preocupação das comunidades envolvidas, a negligência das autoridades e da empresa, e o papel da academia, em especial da antropologia social, de ampliar a compreensão do problema, são temas debatidos durante a entrevista. A conversa reflete a urgência de uma abordagem ética e engajada para enfrentar essa crise, e revela a luta das comunidades afetadas por justiça e visibilidade diante de uma tragédia de larga escala.

Referências

INGOLD, Tim. The temporality of the landscape. **World Archaeology**, v. 25, p. 152-174, 1993.

INGOLD, Tim. **Being alive: Essays on movement, knowledge and description**. Londres: Routledge, 2011.

MATURANA, Humberto; VARELA, Francisco. **De máquinas y seres vivos**. Buenos Aires: Lumen, 2003.